

CAPÍTULO 40

TEORIA E PRÁTICA: A INDISSOCIABILIDADE EM UM PROJETO DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA MIGRAÇÃO

DOI: 10.47402/ed.ep.c20224140146

Pietra Da Ros
Lovani Volmer
Rosemari Lorenz Martins

RESUMO

Desde que foi estabelecida como meta, a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão é um desafio para as universidades, que vêm proporcionando uma formação mais sólida e integrada para os acadêmicos. Na Feevale, entre os pioneiros dos projetos integrados, está o Centro de Educação em Direitos Humanos – CEDUCA DH. Os beneficiados do projeto são refugiados e migrantes de treze nacionalidades, que assistem a oficinas de Língua Portuguesa, ministradas por uma acadêmica bolsista do curso de Letras – Português/Inglês que, a partir do que aprende na graduação, planeja as atividades extensionistas e, percebendo as necessidades e realidades do contexto de português como língua de acolhimento, realiza pesquisas sobre o tema. O ciclo continua e os resultados das pesquisas servem de base para o planejamento de novas aulas, considerando metodologias de ensino e questões de auxílio no processo de aprendizagem de uma língua adicional. O capítulo expõe o processo que une os três pilares universitários no que tange à fonologia e às interferências interlinguísticas na produção de sons do português brasileiro como língua adicional, em que foi percebida a dificuldade de assimilação e produção de alguns fonemas. As autoras analisaram áudios de uma mesma leitura de três participantes selecionadas de diferentes nacionalidades e, a partir das produções e dos estudos acerca dos sistemas fonológicos de cada língua, além de bate-papo informal com cada uma, obtiveram possíveis justificativas para as questões percebidas. A partir daí, foi criado um plano de aula, posteriormente aplicado nas oficinas de Língua Portuguesa, que promovia o estudo, entre outros tópicos, dos sons do português brasileiro. Incentivando o desenvolvimento da consciência fonológica da língua, os alunos demonstraram esclarecimento sobre as produções, como um beneficiado colombiano, que pôde diferenciar com clareza entre *bela* de *vela* — na pesquisa, percebeu-se a dificuldade de hispanofalantes de perceberem a diferenciação entre /v/ e /b/.

PALAVRAS-CHAVE: fonologia; pesquisa; extensão; língua adicional; educação.

INTRODUÇÃO

Proposta como característica essencial de uma Universidade, de acordo com a Constituição de 1988, que afirma que as universidades “obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988), a união do que devem ser os pilares de uma formação aplicada, embasada e dialogada pode ser explicada da seguinte maneira:

o conceito de indissociabilidade remete a algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia. Alteram-se, portanto, os fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, por isso trata-se de um princípio paradigmático e epistemologicamente complexo (TAUCHEN, 2009, p. 93).

Buscando propor uma reflexão acerca do que representam esses conceitos na prática, o presente capítulo visa expor a vivência de uma das autoras, bolsista do Projeto Integrado Centro de Educação em Direitos Humanos – CEDUCA DH na Universidade Feevale e nele orientado por outra das autoras. Além disso, a terceira autora deste artigo orienta a bolsista a partir do pilar de ensino, com especial enfoque na área da fonética e fonologia.

Parte-se, assim, de uma apresentação do CEDUCA DH, proveniente do projeto O Mundo em NH: refugiados e migrantes — uma questão de Direitos Humanos, que surgiu em 2016, sendo, oficialmente, apenas extensão, apesar de, na prática, envolver, desde seu início, a pesquisa por parte voluntária dos acadêmicos que o integravam. Compreende-se, primeiramente, o que é a extensão e o que é necessário para que o projeto faça sentido de acordo com o território que abarca. Em 2021, ao ser oficializado, o CEDUCA DH tornou-se um dos projetos pioneiros no formato integrado, aliando a pesquisa e a extensão ao ensino dos acadêmicos de graduação e pós-graduação.

Em seguida, entendem-se, separadamente, os conceitos de ensino, pesquisa e extensão nas vivências da acadêmica no projeto; assim, apesar de subtítulos diferentes, os tópicos convergem e levam à construção da prática exercida no início do ano de 2021. Ainda, considera-se o relato da bolsista sobre a necessidade de uma formação integrada para a garantia de um bom aproveitamento do nível educacional e da preparação adequada para o mercado de trabalho.

A experiência integrada tem como temática central, em um cenário onde português não age apenas como ensino de língua adicional, mas de acolhimento, os aspectos fonéticos e fonológicos e as interferências que a língua materna pode ter na aprendizagem de outro idioma. Os pilares, integrados, na aplicação da bolsista, foram o meio para um objetivo claro para as autoras: buscar um método facilitador no ensino do português brasileiro (doravante PB) no que tange à oralidade. O processo de identificação de dificuldades na produção de sons, análise, pesquisa e extensão que forma a metodologia e leva aos resultados é exposto no decorrer do texto, a partir da apresentação de cada uma das categorias da universidade, sob o enfoque da vivência integrada da autora.

O PROJETO: Partindo da extensão

O Centro de Educação em Direitos Humanos – CEDUCA DH, um dos pioneiros enquanto Projeto Integrado na Universidade Feevale, existe desde 2021, mas sua história vem de bem antes. Em 2015, iniciava-se, na Instituição, o debate acerca do refúgio e das migrações

gerais com destino ao Brasil, que demonstravam um aumento crescente na população, especialmente no que dizia respeito à região do Vale do Rio dos Sinos/RS, onde se situa a universidade.

Um projeto foi planejado atendendo às necessidades de migrantes, que se dispunham a relatar suas facilidades e dificuldades no novo meio que habitavam. Em 2016, a Feevale estreava “O Mundo em NH: refugiados e migrantes — uma questão de Direitos Humanos”, que, no ramo da extensão, buscava ofertar a migrantes em geral uma proposta de inserção social interdisciplinar, que dispunha de oficinas de Língua Portuguesa, Fotografia, Direito, Realidade Brasileira e Psicologia, além de atendimentos jurídicos e psicossociais gratuitos quando necessário.

Ao final do quadriênio, na avaliação das atividades, foi cogitado que O Mundo em NH se aliasse a outro projeto, com o qual compunha o “Programa Educação e Cultura em Direitos”. Assim, em 2021, as atividades passaram a ser parte de um projeto maior, que, entre suas práticas, também abrange outros espaços e atividades na proposta de debates e promoção dos direitos de todos. Em relação aos migrantes, o dia de semana das oficinas foi um dos vários pontos que seguiram como eram — às quartas-feiras à noite. Durante a pandemia, o grupo está tendo encontros no modo remoto e, em vez de fotografia, agora têm momentos de criatividade. Foram atendidos, até hoje, cerca de 130 migrantes, de 7 a 45 anos de idade e provenientes de 13 nacionalidades.

Entende-se, assim, que um projeto não vem do nada, por mera proposição aleatória. A extensão, como foi o princípio e a base do CEDUCA DH, exige a análise das necessidades sociais de certo território, com base nos dados que se têm sobre o assunto-alvo e, de preferência, em construção conjunta com a comunidade que será atingida. Desse modo, nasceu e cresceu o contexto em que se passou a prática aqui exposta.

O ENSINO: o que se aplica, de onde se busca

Dizem que algumas coisas são como andar de bicicleta. Talvez a docência seja assim, mas os pedais tendem a mudar de material, acabamento e altura a cada dia; o banco também não é o mesmo com o passar de pouco tempo. Os princípios básicos da compreensão da autonomia e da individualidade de cada aluno permanecem, e são justamente essas que levam a uma eterna atualização. A sala de aula de ontem não é a mesma de hoje e, não será a mesma de amanhã, a busca por melhores e mais efetivos métodos deve ser quase profética, ao passo que tem a obrigação moral de considerar as experiências passadas — concordando com Cortella

(2016, p.10), que afirma que “uma analogia cabível é com o automóvel, em que o retrovisor é sempre menor que o para-brisa. Claro! Porque passado é referência, não é direção”.

Em função da necessidade frequente de reinvenção da educação, entende-se o processo de ensinoaprendizagem como desafiador em todos os níveis. No ensino superior, a indissociabilidade vem por iniciativas como a proposta de curricularização da extensão, que inclui componentes que dialogam com as necessidades comunitárias no conteúdo programático dos cursos universitários. Como abordagem para a integração dos tópicos que serão abordados, no curso de licenciatura em Letras – Português/Inglês, algumas disciplinas tem peso especial para a pesquisa que será apresentada. Destacam-se:

- i) FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA
- ii) LÍNGUA PORTUGUESA I
- iii) AQUISIÇÃO DE LÍNGUA MATERNA
- iv) AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
- v) TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO
- vi) CURRÍCULO, PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO
- vii) SOCIOLINGUÍSTICA

As duas primeiras disciplinas tratam do aparelho fonador, e propõem estudar, entre seu conteúdo, o *International Phonetic Alphabet* (IPA) e os processos fonológicos existentes. A terceira e a quarta falam do processo chamado aquisição de língua — por uma questão de análise recente, opta-se por utilizar o termo *aprendizagem de língua*, uma vez que o projeto CEDUCA DH atende migrantes de todas as idades, majoritariamente adultos que já tiveram algum contato com o PB antes de estudá-lo; logo, não o estão adquirindo.

O quinto componente trata do uso de recursos tecnológicos para fins educacionais. Foi, assim, base importante para que as práticas — tanto de pesquisa quanto de extensão — ocorressem à distância. O sexto contribuiu para que, com a professora orientadora, a bolsista pudesse elaborar o planejamento a partir das aulas passadas e cogitando o que faria sentido ser aplicado nas seguintes. O sétimo considera as variações da língua, seu teor histórico e a valorização das formas de existência dos idiomas, em especial do PB, que se desenvolve a partir de miscigenações constantes.

Além das matérias citadas, ressalta-se a importância, nos cursos de licenciatura, de que

os professores reforcem a realidade em sala de aula e levem os alunos a se questionarem por que fazem o que fazem, pensando a partir do fazer freireano, que implica, entre seus ideais, não haver docência sem que haja discência (FREIRE, 2007). A posição de educando é, portanto, essencial à prática do educador.

A PESQUISA: como e por que buscar respostas?

As práticas educacionais que ocorriam n'O Mundo em NH e, posteriormente, no CEDUCA DH, que foram mencionadas até então como extensionistas apenas, permitem que a acadêmica siga sua experiência na docência ajustando sua prática conforme os estudos que vêm realizando e os resultados da interação com os beneficiados. O ensino permite, também, que exista a curiosidade e a atenção da pesquisa: vivendo no ambiente que for, o aluno bem-ensinado e com gosto pela aprendizagem tende a se perguntar muitos *o quês?*, *comos?* e *por quês?*. O mundo vira um caminho de infinitas possibilidades de coletas de dados, de perguntas, de buscar-entender.

O ambiente multicultural e multilíngue no CEDUCA DH é o chamado *prato cheio* para estudantes de língua e linguagem. Com a bagagem adquirida no decorrer do curso, que segue em andamento, foi possível perceber que algumas questões eram semelhantes: reparou-se que, talvez, todos os migrantes que tinham a língua X ou Y como materna tinham as mesmas dificuldades e facilidades em assimilar os fonemas do PB. Iniciaram-se, então, estudos e pesquisas que buscavam identificar as interferências que as línguas já faladas pelos integrantes tinham sobre a língua adicional.

Ainda, explica-se a escolha do termo *língua adicional* no contexto aqui exposto: primeiramente, considera-se que não caberia *segunda língua*, uma vez que, como será dito posteriormente, o PB não está sendo necessariamente o segundo idioma a ser aprendido pelas participantes. Em relação à *língua estrangeira*, evita-se, uma vez que as autoras consideram *língua adicional* como mais amplo, abrangendo o estudo de uma língua que pode ser oficial ou nativa da mesma região do falante — considera-se, assim, conivente com a aprendizagem de qualquer idioma, seja uma língua indígena, de sinais ou estrangeira, de fato.

Para a pesquisa aqui apresentada, foram selecionadas três participantes. Os perfis foram escolhidos de forma a terem o mesmo sexo biológico, mas divergirem em nacionalidade, idade e tempo e experiência educacional no Brasil. Das três mulheres que contribuíram para a coleta de dados:

i) Proveniente da Palestina; beneficiada do projeto; há 18 anos no Brasil; fala árabe, inglês e português e não cursou nenhum grau da educação regular no Brasil.

ii) Proveniente da Colômbia; professora que atua no projeto; há 7 anos no Brasil; fala espanhol e português e é docente em uma universidade brasileira.

iii) Proveniente do Haiti; beneficiada do projeto; há 1 ano e 7 meses no Brasil; fala crioulo haitiano, francês, espanhol e português e cursou os últimos anos do Ensino Médio no Brasil.

As participantes receberam, por WhatsApp — considerando o contexto da pandemia por COVID-19 — o conto *A foto*, de Luís Fernando Veríssimo, que integra a obra *Comédias para se ler na escola*. Cada uma, em seguida, enviou um áudio lendo o conto do início ao fim, e os desvios de produção (tendo como *fala comum* a da região do Vale do Rio dos Sinos/RS) foram anotados em uma tabela no app/site *Notion.so*. Após uma análise dos sistemas fonológicos das línguas maternas das falantes e dos processos ocorridos em cada questão identificada, as migrantes foram convidadas, individualmente, para um bate-papo, a fim de levar à tona alguns pontos de suas produções e realizar um contraste com os conhecimentos linguísticos de cada uma, buscando justificativas possíveis para cada identificação.

A pesquisa resultou na compreensão de diversos fatores que poderiam ter mais atenção no ensino de PB. Entendeu-se, por exemplo, a dificuldade de nasalização de hispanofalantes e a dificuldade de realizarem a neutralização ou o alçamento vocálico, uma vez que o espanhol possui somente cinco sons vocálicos, enquanto o PB possui oito.

Percebeu-se, também, na tendência da falante de crioulo haitiano e francês de potencializar o som do *r*, como ocorreu na palavra *Europa*, que foi pronunciada [ew.Ro'.pɛ]. Demonstrou, também, dificuldade de assimilar o som de *gn* como /gn/, tendendo a produzir /ɲ/, como em *ligne*, do francês.

Já na fala da participante Palestina, um dos pontos que ganhou destaque foi a monotongação de *Europa* para [u.ɾɔ'.pɛ]. Apesar de ser um processo comum na variação linguística do PB, não tende a ocorrer nessa palavra; no entanto, a tendência de produzir um som mais arredondado no ditongo é exposta por Campbell (2004) e justificada pela própria falante, que afirmou ter dificuldades ao se deparar com ditongos a serem pronunciados.

Pensando nos resultados, surgiu um novo desafio: como facilitar a assimilação e a produção dos fonemas para os migrantes durante o contexto extensionista das oficinas,

considerando o que foi passado no ensino da graduação? O próximo subtítulo retrata o nível de indissociabilidade que pode quase que servir como avaliador dessa: o momento em que ela volta em si, e o que veio pelo ensino e foi pesquisado na extensão volta para ela.

A EXTENSÃO: o ciclo reinicia

Na pesquisa, três grandes pontos foram considerados a partir de cada língua nativa. O primeiro é que os falantes de espanhol tendem a produzir um som tênue que fica entre o /v/ e o /b/, podendo ser nenhum ou os dois. O segundo afirmava um acontecimento parecido, mas com os falantes de árabe: o /p/ e o /b/ não saíam claramente e isolados, mas se mesclavam em pronúncia. Os falantes de francês, por sua vez, tendiam a se confundir em relação à letra R, a potencializando sempre.

Com os dados de pesquisa unidos ao ensino, foi feito um microprojeto dentro do CEDUCA DH, que tratava dos sons do PB enquanto trabalhava vocabulário sobre sentimentos, buscando promover meios de expressão e identificação pelo português como língua de acolhimento.

Durante cinco semanas, os sons de cada letra do alfabeto foram estudados e, a cada encontro, dois sentimentos eram trazidos à tona. Enquanto falavam de medo, foi citado o medo do escuro e, logo no primeiro dia, em que foram trabalhados os sons de A, B, C, D e E, viram que “a vela é bela”. Foi ao perceberem, pela mediação da acadêmica, que /b/ é oclusivo e, portanto, exige que os lábios se encostem, enquanto o /v/ acontece a partir do ar soprado entre os dentes superiores e o lábio inferior, que se tocam, que os migrantes que tinham o espanhol como língua materna conseguiram identificar a diferença entre as produções. Nas palavras que leram depois, pronunciaram com clareza palavras com *b* e *v* — no início, com mais concentração, e, ao final da aula, com maior facilidade.

Os falantes de árabe não ficaram de fora: a frase mudou um pouco, e “a vela é bela” virou “me apaixonei pela bela vela”. A falante palestina percebeu que tanto /p/ quanto /b/ se produzem de formas extremamente similares mas, a partir da força empregada nas plosivas, foi, aos poucos, fazendo a diferenciação de cada uma ao falar e ao ouvir os colegas.

Os alunos que tinham francês como língua materna quase brincaram de quebra-cabeças ao tentarem entender a frase “o carro é caro”, uma vez que produziram ambas as palavras como /ka'.Ro/. Uma das estratégias para a diferenciação do som foi perceberem quando o R estava *cercado de vogais*: se precede e sucede, diretamente, um vogal, “tende a ficar fraco sozinho, e forte quando se junta a outro R”, dizia a bolsista. Justificou, ainda, que o mesmo acontece com

a letra *s*, perguntando “quem assa asa de frango?”.

O microprojeto “SONS DO PB” foi divertido e levou consigo, ainda, substantivos — sinônimos e antônimos —, além de exercitar a conjugação verbal em exemplos citados e questionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma retomada breve, o trabalho apresenta o ciclo exigido (e apresentado) pela indissociabilidade dos pilares universitários.

Parti, enquanto acadêmica, do ensino para aplicar as práticas da extensão, pensando no planejamento e na docência. Sabendo um pouco mais sobre as questões de língua adicional e, especialmente, de fonologia, fiquei curiosa e busquei pesquisar. A pesquisa me ajudou a facilitar a mediação da aprendizagem naquele contexto. (Pietra Da Ros, autora e bolsista do CEDUCA DH)

Assim, as questões identificadas na pesquisa, que só puderam ser realizadas a partir dos conhecimentos previamente vistos nas aulas da graduação, contribuíram para a prática da extensão na aprendizagem de língua adicional, em que os migrantes expuseram ter desenvolvido a consciência fonológica do PB, ponto que integra os fatores necessários para a inserção social. Ainda, as etapas seguidas levam para uma maturação no fazer acadêmico e docente da bolsista, que entende a motivação e os resultados de suas próprias práticas, tendo a autonomia essencial à educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics: an Introduction**. 2ed. Cambridge: MIT, 2004.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**. Cortez Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura).

TAUCHEN, Gionara. **O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.